



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6029 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

## EDUCAÇÃO E NEOLIBERALISMO

Daianny Madalena Costa - UNISINOS/PPGE GESTÃO EDUCACIONAL -  
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

### EDUCAÇÃO E NEOLIBERALISMO

O trabalho que apresentamos se origina da dissertação concluída em janeiro de 2020, pautando aqui, a discussão entre educação e neoliberalismo na perspectiva da gestão educacional. A problemática se insere na articulação dos elementos temáticos desse resumo ampliado e os contextos da globalização a partir de 1970, em especial, após os governos Thatcher e Reagan, versando sobre alguns dos traços que o organizam e os quais instauraram uma escalada em favor da expansão internacional das relações de produção capitalista (ROMÃO, 2008) e sua relação com o contexto da educação. Assim, nossa questão é de que maneira tal reorganização, ao mesmo tempo em que atinge os processos educacionais, estruturam um arcabouço de seu próprio desenvolvimento ou contestação. Por isso, utilizamos uma metodologia que se ancora nas pesquisas explicativas (GIL, 2016) de abordagem qualitativa (MINAYO, 2016), iniciando por uma revisão de literatura e mais adiante aprofundando uma discussão teórica sobre a temática. Frente a esse propósito, concluímos que as lógicas da desigualdade, do consumo e da competição são traços que contribuem para o aguçamento do neoliberalismo, daí que superá-las parece-nos um compromisso dos fazeres educacionais afetados pelas ideias de um digno e justo viver.

Dito isso, partimos do descritor “mercantilização do ensino”, por compreendê-la como uma ação altamente vinculada ao neoliberalismo, onde buscamos no site da CAPES (Catálogo de Teses e Dissertações - <http://catalogodeteses.capes.gov.br/>, acesso em 19 de maio de 2019), as pesquisas que abordam sobre ele, no período de 2002 a 2017. Nessa consulta, após a aplicação de filtros que pudessem extrair as investigações do campo de nosso interesse, obtivemos vinte trabalhos. Mesmo assim, as discussões concentravam-se em outros aspectos, para além daquele que localizava as relações entre a mercantilização do ensino e a gestão educacional, ou seja, temas como o trabalho docente, a formação continuada, o atendimento pedagógico hospitalar, o estudo de caso de faculdades do ensino superior, as práticas pedagógicas e etc. estavam situados no levantamento e foram desconsiderados. Desse total, portanto, selecionamos sete. Abaixo, organizamos um quadro síntese deles:

Quadro 1 - Ocorrências do portal da CAPES destacadas para a discussão

---

Autor / data	Substrato teórico
BERGHAHN (2002)	Discute sobre o papel do gestor para a promoção de uma educação humanizadora. Destaca que esse indivíduo, muito além de ser possuidor de competências técnicas, necessita embasar sua prática por meio de princípios éticos. Mas em sua argumentação, esbarra na problemática de que não bastam as convicções pessoais que o indivíduo traz consigo, pois as condições do mercado educacional tendem a corromper este conteúdo. Valida sua argumentação concentrando-a no ambiente de competição, o qual tende a subtrair aquilo que de “nobre” o ser humano mostra ser possuidor.
OLIVEIRA (2010)	Aponta para a conciliação dos elementos éticos no processo de gestão com os da formação acadêmica. Numa perspectiva histórica e de dentro do campo empírico do ensino católico, a autora analisa a crescente do processo de formação profissional e a atuação da mulher no campo da gestão educacional.
METZLER (2011)	Apresenta um texto extremamente provocativo que reflete sobre as tensões resultantes da influência direta do neoliberalismo na construção das políticas públicas e na gestão da educação por parte do Estado. Ao analisar o período de 1995 a 2010, observa que as IES de identidade confessional católica tiveram este perfil relegado a um segundo plano a fim de se adequarem ao regime proposto.
SILVA (2015)	Defende que a educação e a adoção de estratégias mercantis é uma equação possível. Obviamente existem riscos nesta colocação, mas a autora a fundamenta apresentando dados quanti-qualitativos. Assertivamente reflete que tal posicionamento por parte de uma instituição de ensino não chega a ser algo opcional devido à necessidade da sustentabilidade econômica. Todavia, julgar que não haverá descaracterização dos fins a que a educação se presta é algo que se deva refletir mais profundamente.
STORCK (2016)	Em sua tese, realiza a projeção das IES investigadas caso estas se mantenham fiéis a seus traços identitários ao mesmo tempo em que avançam na construção do conhecimento tecnocientífico. Não obstante, aponta igualmente para as limitações que o cenário neoliberal inflige às IES ao fazer com o que se “produz” nelas seja substancialmente em vista ao mercado de trabalho e ao lucro.
CECATTO (2017)	É outra autora que investiga as IES e como as estratégias de cunho mercantil atingem seu protagonismo e produção acadêmica. Contudo, a forma que aborda o problema é peculiar. Obviamente não defende o processo de mercantilização de ensino, mas analisa-o como meio e oportunidade para que a identidade institucional “adapte-se” às novas demandas, amadureça, conservando igualmente sua essência. Compreende-a como pressuposto mutável e imutável ao mesmo tempo.
PAIER (2017)	Examina os problemas que se somam ao processo de gestão escolar devido às políticas educacionais ditadas pelo neoliberalismo. Mas conclui que, mesmo em meio a um ambiente inóspito, é possível aplicar estratégias que visibilizem a identidade institucional para a comunidade educacional, e façam com que os valores intrínsecos à educação não se esvançam.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As informações lançadas no quadro aferem que existe uma linha condutora, ou melhor, uma preocupação que marca o início do processo investigativo de tais pesquisadores e que acaba se confirmando no decurso da análise: a incidência do neoliberalismo sobre as instituições de ensino faz com que sobressaia um modelo de educação mercantil que causa descontentamento ou, no mínimo, estranheza para quem ao menos se dispõe a refletir sobre. Contudo, o mesmo conjunto de informações faz aperceber que, conforme os anos avançam, cresce a tendência do lançamento de proposições de que é possível perseguir um razoável equilíbrio entre o aceite do conteúdo neoliberal no processo de gestão educacional e a práxis escolar. Realmente está se avançando para isso.

Nesse sentido, como podemos concluir a partir do quadro acima, há uma disputa árdua entre as ideias trazidas pelo neoliberalismo, que estão sendo admitidas no contexto educacional, que se justificam como promotoras de uma certa “sustentabilidade financeira e também social” (SILVA, 2015, p. 104). Ainda assim, é importante que se discuta se realmente é possível a convivência “pacífica” entre as implicações provindas do ambiente neoliberal e os valores humanos, geralmente defendidos pelas instituições educativas. Segundo Dardot e Laval (2014), almejar o equilíbrio pretendido na análise entre estratégias comerciais e o conteúdo identitário provindo de uma educação voltada para a cidadania e para a democracia, poderia ser tido como um esforço vão. O saldo desse empenho resultaria na verdade em um novo engendramento de forças para o “inimigo”:

[...] continuar acreditando que o neoliberalismo pode ser reduzido a uma mera ‘ideologia’, uma ‘crença’, uma ‘mentalidade’ que os fatos objetivos seriam suficientes para dissolver, assim como o sol dissolve as nuvens da manhã, é de fato confundir o inimigo e condenar à impotência a si mesmo. O neoliberalismo é um sistema de normas hoje profundamente inscrito nas práticas de governo, políticas institucionais e estilos de gestão. Adicionalmente, deve-se ressaltar que **este sistema é resistente ao ponto de atingir muito além da esfera da mercadoria e das finanças onde o capital dita as regras**. Ele efetiva uma extensão da lógica de mercado para muito além das fronteiras precisas do mercado, notavelmente gerando uma subjetividade ‘responsável’ ao sistematicamente criar competição entre os indivíduos. (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 14, grifo nosso).

Assim, presumir que o alcance do neoliberalismo no processo de gestão educacional se dá somente pela adoção de estratégias de mercado para a sustentabilidade econômica e social da instituição de ensino é relegar a extensão de sua influência. Para esse fenômeno ideológico tal conduta é vantajosa, pois corrobora que, durante o processo de disseminação de seus princípios, sobressaia a ideia de que um discurso é tanto mais profícuo quanto maior for a competitividade gerada, isso, independentemente da autenticidade de seu conteúdo.

O neoliberalismo, em nome do crescimento econômico, da sustentabilidade financeira, do mercado e da livre concorrência apregoa a flexibilização, a desinstitucionalização e, com isso, a “*liquefação* progressiva da instituição” (LAVAL, 2004, p. 18). E faz isso aderindo a lógicas como o empreendedorismo, em que cada um é responsável por si; à condição de clientes, a que todos os indivíduos sociais se encontram. As escolas, portanto, devem assim reconhecê-los, como quem está ali para retirar a parte que lhe cabe, para usufruir da melhor maneira, em seu próprio “nome”. É um discurso, portanto, caracterizado com um grande poder de atração e, ao mesmo tempo, mágico. De outro modo, está a “derreter” a instituição escolar, que se comprometeu com valores e atitudes mais coletivas.

Essa situação coloca àqueles que estão afetos à educação uma responsabilidade: a de refletir sobre a práxis complexa que a envolve, sem a superficialidade leviana de conseguir resolvê-la somente pela questão econômica. Ou seja, “A educação, tendo por finalidade a

humanização do homem, integra sempre um sentido emancipatório às suas ações” (FRANCO, 2003, p. 75). Isso deixa mais confortável propor que não seja somente em nome das condições financeiras que deva ser pensada, ou de outro modo, como já vimos anteriormente, que não resulte de um aceite das prerrogativas neoliberalistas.

Afinal, como propõe Boron (2009), em nome da supremacia do mercado, o neoliberalismo investe no aumento das desigualdades e no esvaziamento de todo conteúdo democrático das instituições. Com isso, podemos compreender que a organização das redes educacionais forma em sua base uma ampla possibilidade de alargamento democrático, o que necessariamente deverá ser destruído. A ideia de competição e individualização, do cada um por si, é nesse sentido cada vez mais incorporada e defendida para o ideal neoliberal, cabendo, portanto, uma clara relação com o indivíduo e não com a humanização.

Ao contrário, pensar na humanização é agir no coletivo. Reconhecer um justo e digno viver a todos e todas. Resumindo, a quem serviria a imensa desigualdade que vivenciamos hoje? A exemplo disso, trazemos duas manchetes da revista Forbes: a primeira assinala que “Risco de morte de negros por Covid-19 é 62% maior, diz Prefeitura de SP” (<https://forbes.com.br/colunas/2020/05/risco-de-morte-de-negros-por-covid-19-e-62-maior-diz-prefeitura-de-sp/>) e a segunda, datada em 22 de janeiro de 2018, indica que os “Cinco brasileiros mais ricos possuem o mesmo que metade da população mais pobre do país” (<https://forbes.com.br/negocios/2018/01/cinco-brasileiros-mais-ricos-possuem-o-mesmo-que-metade-da-populacao-mais-pobre-do-pais/>). Logo, a quem pode interessar tamanha desproporção? Ao que pode contribuir lógicas da desigualdade, do consumo e da competição, reconhecidas nesse trabalho como uma produção neoliberalista para a sociedade do nosso tempo.

De forma bastante similar, Arroyo (2017, p. 95-96) questiona:

Os movimentos sociais aprenderam que é a justiça que justifica a repressão e até as mortes contra essas lutas por justiça. Por que o pensamento pedagógico demora a reconhecer esses processos tão radicais no campo da justiça? Por que demora em vincular direito à educação com direito a uma vida justa, se por aí avançam as lutas dos injustiçados pelos direitos humanos?

A educação que busca promover justiça e dignidade aos sujeitos sociais requer debruçar-se sobre esse modelo e, em sua contraposição, efetivar todos os esforços possíveis para a superação desses traços, sem o qual estará igualmente fadada a fenecer, tornando-se uma mera mercadoria que impulsionará para uma exclusão cada vez mais dilatada.

Por fim, retomamos a revisão feita por meio das pesquisas sobre a “mercantilização do ensino” as quais proporcionaram um conjunto de análises que tornam correlacionadas o tema desse trabalho: “educação e o neoliberalismo”, mesmo que, em contrapartida, estejam a considerar uma educação para a humanização. Isso significaria uma ingenuidade, uma conformidade? Não há como julgar com exatidão. Os diferentes autores apresentam seus pareceres a partir “de onde os pés pisam” (BOFF, 1999, p. 9), ou seja, de um determinado lugar social, usando de certo grau de pessoalidade e apoiados em apropriado referencial teórico. Entretanto, paira neste itinerário acadêmico uma linha tênue que pode desembocar para o indiferentismo frente aos problemas sociais causados pelo neoliberalismo. Se as informações coletadas não forem devidamente consideradas e idoneamente interpretadas, produzirá conteúdo de manutenção das ideologias que sustentam o processo de mercantilização do ensino e que “devolve o homem à condição primitiva do cada um por si” (SANTOS, 2008, p. 32).

Embora haja muitos motivos para a prevalência de um pessimismo sobre o problema do utilitarismo econômico ligado à educação, há igualmente por parte de alguns teóricos uma

atitude de otimismo por analisarem que é possível uma reconstituição institucional em torno de valores coletivos. Dentre estes, retomamos Laval (2004, p. 17), o qual alude que no afoito diagnóstico da “morte clínica” da escola subjaz uma lógica aplicada ao desconcerto do “comum”. Esta declaração de óbito interessa a muitos porque junto também faleceriam princípios contrários à mercantilização do ensino. E, já que a sobrevida não é opção, Laval argumenta que o despontar de uma “nova razão” é possível desde que o arcabouço institucional existente seja descontinuado e substituído por outro.

Neste conjunto de análise, é importante não perder de vista que há muito a educação sofre os efeitos econômicos. Logo, qualquer movimento que outorgue potência à educação como instrumento de fortalecimento do “justo e digno viver” passa pelo pressuposto de transformação cultural, a qual necessita de persistência, perseverança e empenho para acontecer. Isso, justamente porque, se os discursos não forem devidamente burilados, não demorará para que sejam desmentidos pela vivência concreta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Neoliberalismo. Educação. Justo e digno viver. Mercantilização do ensino.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 294.

BERGHAWN, Elenar Luisa. **Gestora da escola básica numa proposta de educação humanizadora**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2002. p. 166.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. p. 136.

CECATTO, Denise Camarani Revelk. **O impacto da percepção da ação estratégica e da proposta de valor na identidade organizacional: estudo de caso em uma IES paranaense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017. undefined f.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **The new way of the world: on neoliberal society**. Nova York: Verso, 2014. p. 352.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia como ciência da educação. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção entre nós professores). p. 142.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo : Atlas, 2016. p. 248.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina : Editora Planta, 2004. p. 324.

METZLER, Ana Maria Carvalho. **Relações entre os poderes político e religioso na construção de representações identitárias de instituições de ensino superior de confessionalidade católica**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2011. p. 195.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 26 ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2016. p. 9-28.

OLIVEIRA, Sônia Machado de. **Gestão feminina nas escolas da sociedade educação e caridade**. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. p. 231.

PAIER, Leci Salete. **Educação humanista cristã em tempos de mercantilização: um estudo de escolas Notre Dame**. 2017. 271 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. p. 271.

ROMÃO, José Eustáquio. Globalização e Reforma Educacional no Brasil (1985-2005). In: TEODORO, António (org.). **Tempos e andamentos nas políticas de educação: estudos ibero americanos**. Brasília: Líber Livro, 2008. p. 299.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 176.

SILVA, Simone Martins da. **A avaliação em larga escala na Rede de Colégios Maristas RS**. 2015. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. p. 117.

STORCK, João Batista. **As humanidades em tempos de neoliberalismo em duas universidades latino americanas**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. p. 353.

<http://catalogodeteses.capes.gov.br/>, acesso em 19 de maio de 2019.

<https://forbes.com.br/colunas/2020/05/risco-de-morte-de-negros-por-covid-19-e-62-maior-diz-prefeitura-de-sp/>, acesso em 04 de junho de 2020.

<https://forbes.com.br/negocios/2018/01/cinco-brasileiros-mais-ricos-possuem-o-mesmo-que-metade-da-populacao-mais-pobre-do-pais/>, acesso em 04 de junho de 2020.